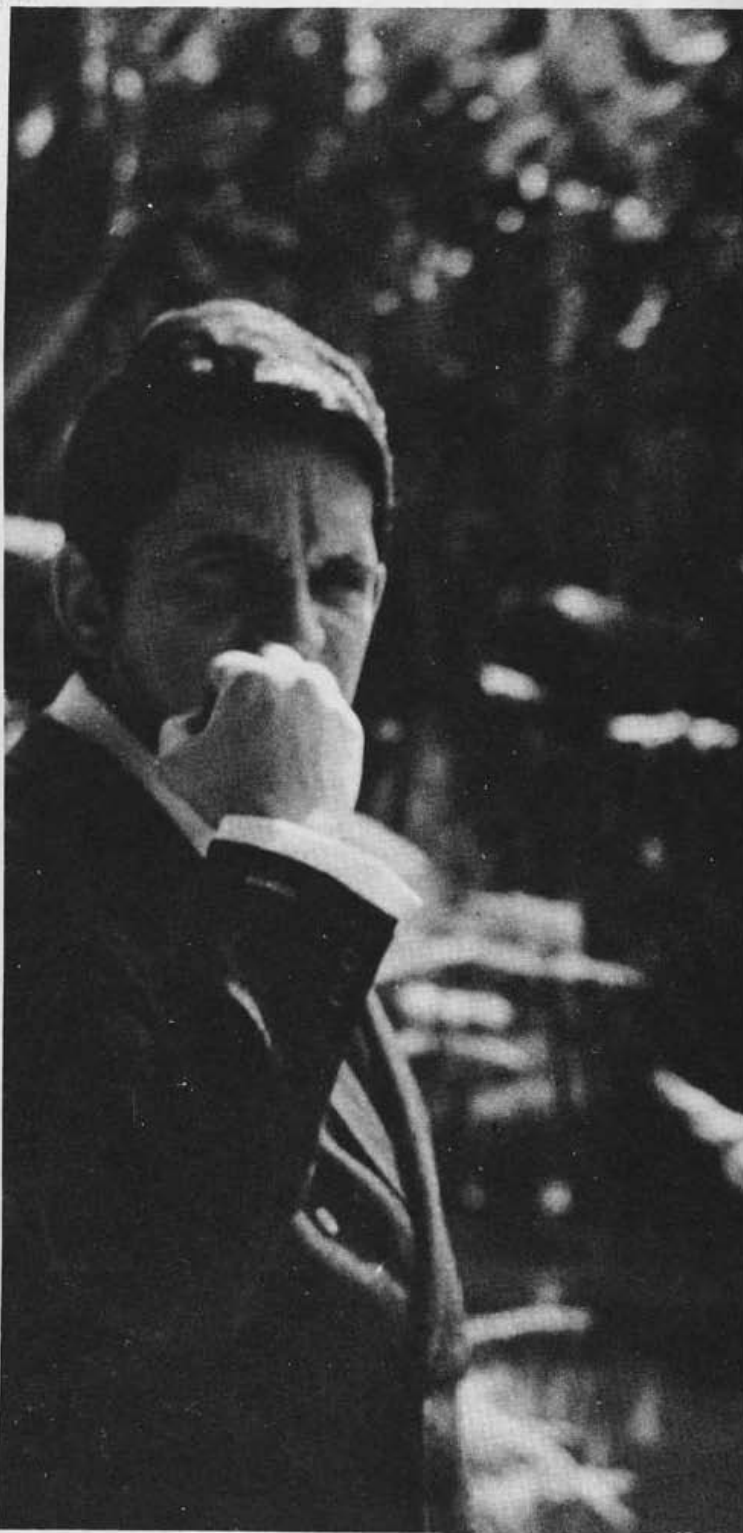


DIVAGACÕES  
SÔBRE  
AS  
ESTRÊLAS

um estudo do  
divismo no Brasil

Sérgio Augusto



*Odete Lara: exuberância física mais expressividade dramática. Cena de Os Herdeiros, com Sérgio Cardoso.*



PRIMEIRA DIGRESSÃO — Em 1906, Arthur Azevedo deu o seu palpite sobre o cinema: "Por meio de um cinematógrafo, nossos netos poderão fazer idéia de quem foi, por exemplo, Sarah Bernhardt". Nove anos mais tarde, a atriz italiana, Francesca Bertini, foi eleita "a personalidade número um das telas cariocas". Já desfilavam por aqui certas divas de penacho e chilikues manhosos, bem sucedidas até — conta-se que na estréia de *Lucíola* (1916) e *Vício e Beleza* (1926), a polícia teve de conter o ardor dos fãs na bilheteria —, mas o produto estrangeiro, secular síndrome de subdesenvolvimento, segundo teóricos creditáveis, ainda era o quente, ou o mais supimpa, como se dizia na época. Nesse tempo, as grandes estrélas do país brilhavam no teatro. O cinema ainda era um ato de bravura, "uma amadorística profissão para abnegados", ou mesmo, como vociferavam as más línguas, para desocupados e desviados de ambos os sexos. Conta-se que durante as filmagens d'*O Guarani*, o ator Tácito de Souza, intérprete de Peri, quase morreu afogado na repêsa de Santo Amaro, arrastado pela correnteza. Nem por isso Tácito chegou a figurar entre os favoritos do público, cujos ídolos continuavam sendo Bertini, Hoot Gibson, Eddie Polo, Lillian Gish, Francis Ford e Grace Cunard.

Era duro resistir à concorrência das importações e à fama de vadia. Mas as coisas mudaram, pelo menos nas aparências. Fizemos uma estréla (Carmem Miranda) e a exportamos; e já que a disputa com as divas de fora estava parcialmente liquidada, as chamadas môças com pendores artísticos decidiram resolver a questão da reputação duvidosa. Solução encontrada: o concurso de miss. Descontados os atalhos ocasionais (e sexuais) dos bastidores, a passarela sempre desfrutou das benesses puritanas (o périplo glorioso da miss começa no clube, centro de convergência de tendência comunitária e morigerada). Além disso, a suprema conquista de um concurso de beleza satisfazia o Complexo de Eróstrato das concorrentes. Tal revolução — nas *démarches* e nos costumes — coincidiu com a escalada inflacionária dos concursos de miss no Brasil. Havia miss de tudo (suéter, beleza, simpatia, Bangu, Cinelândia, fotogenia, charme, esplendor), e nessa onda de reificação feminina, Inalda, Celeneh Costa e outras menos votadas acabaram entrando para o cinema, de onde saíram logo, como era de se esperar, pela porta dos fundos. Eram, sem dúvida, môças bonitas, bem fornidas, mas ingênuas a ponto de acreditarem na possibilidade do estrelato. Morreram antes do último suspiro da chanchada.

SEGUNDA DIGRESSÃO — Malraux (*Esquiss d'une Psychologie du Cinéma*) estabelece uma cisão entre a grande atriz e a estréla. Para êle, a grande atriz é "a mulher capaz de encarnar inúmeros papéis dissemelhantes" e a estréla "a mulher capaz de fazer nascer inúmeros filmes convergentes". Em outras palavras, a estréla não é "uma atriz que faz cinema", mas uma pessoa que, mediante um mínimo de talento dramático e um máximo de presença, simboliza, encarna, um mito coletivo. A grande atriz seria aquela que serve o personagem e a estréla aquela que dêle se serve, ou, ainda, o próprio personagem (ela, acima de tudo) imutável de filme para filme. O moderno cinema brasileiro — e não vejam nisso qualquer insinuação de misoginia — aproveitou duas sugestões da

# DIVAGACÕES SÔBRE AS ESTRÊLAS

Sérgio Augusto

nouvelle-vague (câmara na mão, idéias na cabeça) e desprezou a terceira proposição (mulher na cama, vide Vadim). Por circunstâncias várias — uma delas, a insistência sôbre um número limitado de atrizes —, terminou criando sua constelação de estrêlas. Naturalmente que os cineastas levaram, levam, e podem continuar levando, o melhor saldo de popularidade. Vivemos hoje um fenômeno que tem quase a mesma idade do Cine-

ma Novo — a falência do *star system* (até em Hollywood êsse processo de mitificação organizada anda meio superado) — e o paradoxo de Diderot (o ator como objeto insensível) ainda é uma ameaça em certos domínios de messianismo autoral. Contudo, por mais poderosa que seja a imagem projetada pelo diretor e mais intelectualizado o *approach* promocional dos órgãos de difusão mundana, o estrelismo sobrevive como pode.

Existe, por acaso, algum movimento cinematográfico mais radicalmente anti-hollywoodiano que o *underground* nova-iorquino? Pois bem, até o *underground* tem estrêlas: Viva, Ultra Violet, etc.

E o cinema brasileiro? Numa escala de padrões meramente badalativos, Leila Diniz pode ser considerada a grande, a maior, estrêla do nosso cinema. Segundo a concepção de Malraux, Leila se situaria na zona intermediária entre a

*Irene Stefânia: presença, mood, estrelismo.*





grande atriz (capacidade de se adequar, com igual força expressiva, a personagens diversos) e a estrêla, categoria que supõe uma singularidade de ordem conceitual (estrêla, divina = estado superlativo de beleza). Acontece, porém, que sua promoção ao estrelato se deve menos ao entusiasmo amoroso de Domingos de Oliveira (*Tôdas as Mulheres do Mundo*) e mais ao empenho ardoroso da turma de Ipanema em transformá-la em musa da geração "Pasquim". O problema de Leila é ser mais falada do que filmada. Sua parcimoniosa passagem diante das câmaras se deve ao fato de ela ser um pouco indigesta para o paladar sofisticado do Cinema Novo e excessivamente frugal para os pantagruêlicos *gourmants* da Bôca do Lixo. Os dois pilares do Cinema Marginal, Rogério Sganzerla e Júlio Bressane, criaram a sua musa, Helena Inês — atriz explosiva que sabe explorar como nenhuma outra a vulgaridade —, uma Leila Diniz patrocinada pela paixão de dois cineastas mas isenta de tôdas as acusações de protecionismo, graças a seu talento para encarnar personagens pertinentes ao estilo e ao *pathos* dos filmes de seus pigmeleões.

Recentemente, um programa de televisão fez uma enquete entre os críticos disponíveis para saber qual era a melhor e mais bonita atriz do cinema brasileiro. Sem pensar muito, certo de que o voto individual não seria divulgado, escolhi Irene Stefânia, a melhor atriz, e Dina Sfat a mais bonita. Poderia ter invertido as categorias, e, se não estivesse sob o impacto de Macunaíma, eleito Helena Inês a melhor. Este reconhecimento de dúvida dá uma idéia da razoável riqueza do cinema brasileiro em matéria de atrizes. Se a pergunta tivesse sido "qual a maior performance de uma atriz brasileira no cinema", eu responderia, de imediato, reflexo condicionado: Fernanda Montenegro, em *A Falecida*. E depois me arrependeria de haver-me esquecido de Iris Bruzzi no episódio de Roberto Santos em *As Cariocas*.

Presença, mood, estrelismo, indiferença. Qualquer ensaísta disposto a estudar a participação da mulher no cinema brasileiro pode ater-se a estes quatro pontos. À exceção do quarto, no qual reconheço um inevitável caráter pejorativo, os demais igualam-se em importância — velha lei da compensação. Embora a linha de demarcação entre estrelismo e presença seja, em muitos casos, tênue, é possível, a partir dos critérios de Malraux, Edgar Morin e do gosto pessoal de cada um, traçar um esquema provisório de hierarquias. Isabela, Márcia Rodrigues, Rossana Ghesa, por exemplo, seriam estrêlas: não tanto por serem fenômenos de bilheteria ou chamarizes, mas sobretudo porque em tôrno delas articula-se todo um planejamento de *appeal* sensual e/ou de criação. Odete Lara, Helena Inês, Leila Diniz, Dina Sfat seriam a presença, ou a capacidade de transcender, por virtudes próprias (exuberância física mais expressividade dramática), as expectativas do diretor. Irene Stefânia, Joana Fomm, Isabel Ribeiro, Fernanda Montenegro, Aneci Rocha,



*Fernanda Montenegro: em A Falecida, teve a maior performance de uma atriz brasileira. Seu desempenho em Pecado Mortal (cena), também foi exaltado.*



*Helena Inês: sabe explorar como nenhuma outra atriz a vulgaridade. Na cena, em Cara a Cara.*

Glauce Rocha e Renata Sorrah, por exemplo, seriam o mood, ou a capacidade de expressar estados anímicos independente da qualidade e da importância do papel. Maria Gladys, Elizabeth Hartmann, Irma Álvarez, Bibi Vogel, Maria Lúcia Dahl, Adriana Prieto — não considerados seus eventuais predicados anatômicos nem seu potencial artístico — pertencem ao grupo das indiferentes, ou a capacidade de

não acrescentar nada de excepcional aos seus personagens.

Como tôdas as catalogações arbitrárias, a divisão presença-mood-estrelismo-indiferença é permeável a equívocos e confusões. Mas dessa sumária, gratuita e provisória divisão podemos tirar algumas conclusões inequívocas. Uma delas é o desperdício de boas atrizes e possíveis estrêlas cometido pelos cineastas

# DIVAGAÇÕES SÔBRE AS ESTRÊLAS

Sérgio Augusto

brasileiros. (É inadmissível que Fernanda Montenegro só tenha feito, até agora, dois filmes; que Glauce Rocha faça do cinema uma atividade bissexta; que Renata Sorrah e Joana Fomm sejam obrigadas a trabalhar em telenovelas; que Marília Pêra só apareça em pontas. A outra é que nem sempre nos melhores filmes estão as melhores atrizes. Façam um retrospecto do Cinema Novo e con-

tem nos dedos: Glauce Rocha em *Terra em Transe*, Odete Lara em *Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* e *Copacabana me Engana*, Aneci Rocha em *A Grande Cidade*, Irene Stefânia em *Forme de Amor*. Quatro ou seis exceções. É pouco.

Reconforta saber que Irene Stefânia, soma mais perfeita de presença, estrelismo e mood, faz, em média, três filmes

por ano. Outra conclusão, a partir de Irene, Dina, Irma, Aneci: o cinema brasileiro, até por uma coerente fidelidade étnica, prefere as morenas. Como dizia Lola-Lola, "Nimm dich in acht von bloden Frauen", isto é: *desconfiem das louras*. Principalmente de Leila Diniz e Helena Inês. Elas costumam reduzir os diretores a fantoches de sua fantástica imantação.

*Glauce Rocha: a capacidade de expressar estados anímicos. Na cena, ao lado de Jardel Filho e José Lewgoy, em Terra em Transe.*



# ATRIZES: UM MINI-DICIONÁRIO DE A a Z

Trinta atrizes compõem êste repertório de estrêlas que marcaram a sua presença na tela, nos últimos três anos. Trata-se da primeira tentativa de estabelecer um panorama da arte interpretativa feminina no Brasil. Como tal, a iniciativa tem suas limitações — que são as de praxe: o critério de seleção parecerá inadequado ou limitado, as filmografias serão incompletas e muitas atrizes importantes se sentirão marginalizadas no apêndice final. Mas, em função dêste minidicionário, se constituirá futuramente, com tôda a certeza, um "quem é quem" mais completo das atrizes nacionais. Por enquanto, não obstante as arbitrariedades, êste minidicionário funcionará como um guia a mais de informações indispensáveis aos cinéfilos, produtores, diretores e críticos.

Outras atrizes de destaque, que não figuram neste dicionário:

Lúcia ALVES, Vera BARRETO LEITE, Esmeralda BARROS, Norma BLUM, Marília BRANCO, Talulah CAMPOS, Marília CARNEIRO, Tônia CARRERO, Eva CHRISTIAN, Anna CHRISTIE, Sônia CLARA, Maria Della COSTA, Isabel CRISTINA, Regina DUARTE, Sônia DUTRA, Betty FARIA, Marlene FRANÇA, Elisabeth GÁSPÉR, Darlene GLÓRIA, Elisabeth HARTMANN, Djenanne MACHADO, Ana Maria MAGALHÃES, Yoná MAGALHÃES, Anick MALVIL, Rejane MEDEIROS, Glória MENEZES, Miriam MUNIZ, Ana Maria NABUCO, Ítala NANDI, Aizita NASCIMENTO, Maria do Rosário NASCIMENTO SILVA, Olívia PINESCHI, Maria POMPEU, Geórgia QUENTAL, Lucy RANGEL, Celi RIBEIRO, Pepita RODRIGUES, Tânia SCHER, Sandra TERESA, Natália TIMBERG, Giedre VALEIKA, Amiris VERONESE, Vera VIANNA, WANDERLÉA, Eva WILMA, Cleide YÁCONIS e Berta ZEMEL.





**ALVAREZ, Irma** Argentina de nascimento. Veio para o Brasil contratada pelo produtor de «shows» musicais Carlos Machado, para quem trabalhou durante muitos anos em teatro, boate e televisão. No cinema, trabalhou em *Cavalo de Oxumaré*, de Ruy Guerra (Inacabado), *Pôrto das Caixas*, de Paulo César Saraceni (que lhe valeu elogios e prêmio), *Tôdas as Mulheres do Mundo*, de Domingos de Oliveira, *Os Paqueras*, de Reginaldo Faria, *A Morte em Três Tempos*, de Fernando Coni Campos, *Nordeste Sangrento*, de Wilson Silva, *E Simonal*, de Domingos de Oliveira, *A Cama ao Alcance de Todos*, episódio de Alberto Salvá, *A Noite do Meu Bem*, de Jece Valadão, *A Doce Mulher Amada*, de Ruy Santos, *A Virgem Prometida*, de Iberê Cavalcanti, *O Homem Nu*, de Roberto Santos e *Como Vai, Vai Bem?* Acredita-se que tem muita contribuição a dar, ao nível de interpretação.



**BENGUEL, Norma** Carioca, ex-comerciária, ex-manequim da Casa Canadá. Primeira experiência artística: corista em «Fantasia e Fantasias». Em seguida, passou a fazer parte da equipe de Carlos Machado com quem trabalhou durante muitos anos. No cinema estreou em *O Homem do Sputnik*, de Carlos Manga, chanchada da Atlântica. Em seguida, apareceu em *Mulheres e Milhões*, de Jorge Iell, *Os Cafajestes*, de Ruy Guerra, *O Pagador de Promessas*, de Anselmo Duarte, *Noite Vazia*, de Walter Hugo Khouri (que também a dirigiu num episódio de *As Cariocas*), *Mar Corrente*, de Luis Paulino dos Santos, *Edu, Coração de Ouro*, de Domingos de Oliveira, *Antes do Verão*, de Gérson Tavares, *O Anjo Nasceu*, de Júlio Bressane, *O Palácio dos Anjos*, de Walter Hugo Khouri, *Os Deuses e os Mortos*, de Ruy Guerra e *Paixão na Praia*, de Alfredo Sternheim. Na Itália, fez também vários filmes dos quais são conhecidos, no Brasil, *O Mafioso*, de Alberto Lattuada, e *O Planeta dos Vampiros*, de Mário Bava. Em teatro, suas aparições mais conhecidas são em *Cordélia Brasil*, de Antônio Bivar, e *Os Convalescentes*, de José Vicente.

**BRUZZI, Iris** Ex-corista. Rainha das vedetas nos tempos da companhia de Walter Pinto. Abandonou o teatro revista para ingressar como atriz dramática nas telenovelas da TV-Excelsior, de São Paulo. No cinema, primeiro desempenho marcante: *O Crime do Sacopã*, de Roberto Pires. Figura exuberante, despertou a atenção de José Mojica Marins que a convidou para integrar o elenco de *O Estranho*



**Mundo de Zé do Caixão.** Antes fizera, com êxito invulgar, um papel no episódio de Roberto Santos em *As Cariocas*. Apareceu ainda em *Gólias Contra o Homem das Bolinhas*, de Victor Lima, *O Homem Nu*, de Roberto Santos, e *A Arte de Amar Bem*, de Fernando de Barros.



**CHERMONT, Janet** Carioca. Primeira experiência artística em «Capitães de Areia», adaptação teatral do texto de Jorge Amado, feita por um grupo estudantil do Rio. No cinema, apareceu em *Um Sono de Vampiros*, tentativa de comédia de horror realizada por Iberê Cavalcanti, e *Meu Pé de Laranja Lima*, versão cinematográfica do «best-seller» de José Mauro de Vasconcelos dirigida por Aurélio Teixeira. Trabalhou como atriz e assistente de direção de Flávio Tambellini em *Um Uísque Antes... Um Cigarro Depois*. Participou ainda de um média-metragem inédito, *Manhã Cinzenta*, de Olney São Paulo.



**DAHL, Maria Lúcia** Carioca. Ex-estudante de Filosofia da PUC, estreou no cinema em *Menino de Engenho*, numa composição sensível e marcante. Com um aspecto frágil e uma figura delicada, transformou-se em herolína de *Pobre Príncipe Encantado*, de Daniel Filho. Foi a principal atriz da comédia *Levante de Saías*, de Ismar Pôrto, e *O Bravo Guerreiro*, sob a direção de seu ex-marido Gustavo Dahl. Em *Cara a Cara*, de Júlio Bressane, e *A Grande Cidade*, de Carlos Diegues, fez lições aparições. Considerada uma das maiores promessas da nova geração de atrizes.



**DINIZ, Leila** Carioca. Estudos secundários no Colégio Souza Aguiar. Ex-professora primária. Começou no cinema, sem maiores oportunidades, em *O Mundo Alegre de Helô*, de Carlos Alberto de Souza Barros. Foi uma das intérpretes brasileiras da co-produção com o México *Jogo Perigoso / Juego Peligroso*, de Luiz Alcoriza. Sua grande chance surgiu quando Domingos de Oliveira a convidou para viver Maria Alice em *Tôdas as Mulheres do Mundo*. Sob as ordens do mesmo diretor rodou *Edu, Coração de Ouro*. Com Néelson Pereira dos Santos, atuou em *Fome de Amor*, num desempenho que chamou a atenção da crítica. Outros filmes: *A Madona de Cedro*, de Carlos Coimbra, *Os Paqueras*, de Reginaldo Faria, como atriz convidada, *O Homem Nu*, de Roberto Santos, *Corisco, o Diabo Louro*, de Carlos Coimbra, *Minicinho, Vivo ou Morto*, de Aurélio Teixeira. Faz teatro e televisão. Considerada uma das maiores atrizes do cinema brasileiro.



**FOMM, Joana** Atriz bastante solicitada, tanto pela nova como pela velha geração. Começou fazendo televisão, em 1959. Atuou em teatro por muito tempo. Suas primeiras experiências no cinema datam de 1960, quando estrelou *Um Morto ao Telefone*, de Watson Macedo. Da mesma época é *O Quinto Poder*, de Carlos Pedregal e Alberto Pieralisi. Divide atualmente suas atividades entre TV e cinema, sobretudo em São Paulo, onde se radicou. Alguns de seus filmes mais importantes: *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade, *O Palácio dos Anjos*, de Walter Hugo Khouri, *O Homem Nu*, de Roberto Santos, *Bebel, Garôta Propaganda*, de Maurice Capovilla, *A Vida Provisória*, de Maurício Gomes Leite, *Edu, Coração de Ouro* e *Tôdas as Mulheres do Mundo*, de Domingos de Oliveira, *Gamal, Delfrio do Sexo*, de João Batista. Filma atualmente com Capovilla (*A Noite de Iemanjá*). Apareceu como Dolores Duran em *A Noite do Meu Bem*, de Jece Valadão.

**GHESSA, Rossana** Nasceu na Sardenha, Itália, tendo chegado ao Brasil com sete anos de idade. Sua primeira experiência com o público se deu na televisão: era garôta-propaganda. Trabalhou em telenovelas. Estreou no cinema em *Paraíba, Vida e Morte de um Bandido*, de Jece Valadão. Fez em seguida: *007 e Melo no Carnaval e Carnaval Barra Limpá*, ambos de Victor Lima, e *Bebel, Garôta Propaganda*, de Maurice Capovilla, onde tem uma composição dramática elogiável. Na superprodução *Quelô do Pajé*, de Ansel-



mo Duarte, se projetou internacionalmente. Walter Hugo Khouri explorou seu temperamento erótico em **O Palácio dos Anjos**. Apareceu ainda na co-produção franco-brasileira **O Verão de Fogo**, de Jean-Pierre Kalfon, **Memórias de Um Gigoló**, de Alberto Pleralise, e se prepara para interpretar o principal papel em **Ana Terra**, filme a ser dirigido por Durval Garcia. Outro filme de que participou: **Enfim Sós...** Com o **Outro**, de Wilson Silva.



**GLADYS, Maria** Carioca. Atriz de certa personalidade. Começou suas atividades artísticas no teatro, trabalhando sob as ordens de Gianni Ratto e Kleber Santos, entre outros. No cinema, apareceu em vários filmes, com relativo êxito. Destacam-se em sua carreira: **Canalha em Crise**, de Miguel Borges, **Os Fuzis**, de Ruy Guerra (seu melhor papel), **O Anjo Nasceu**, de Júlio Bressane, **E Simonal, Todas as Mulheres do Mundo e Edu, Coração de Ouro**, todos de Domingos de Oliveira, **Como Vai, Vai Bem?**, filme em episódio do Grupo Câmara, e **Um Diamante e Cinco Balas**, de Libero Luxardo. Recentemente atuou, sob as ordens de Luiz Carlos Maciel, na peça **Romina e Julian**, de Charles Dyer.



**IGNÊS, Helena** Baiana. Apareceu pela primeira vez em cinema no curta-metragem **O Pátio**, de Gláuber Rocha (1959). Trabalhou em teatro durante algum tempo. Sua estréia no longa-metragem foi em **A Grande Feira**, de Roberto Pires, filmado na Bahia. Já no Rio,

integrou o elenco de **O Assalto ao Trem Pagador**, de Roberto Farias, **O Padre e a Mãe**, de Joaquim Pedro de Andrade, para muitos o seu maior desempenho, **Cara a Cara**, de Júlio Bressane. Transferiu-se para São Paulo, onde atuou sob as ordens de Rogério Sganzerla em: **O Bandido da Luz Vermelha**, **A Mulher de Todos**, **Betty Bomba e Copacabana**, **Mon Amour**. Fêz parte do «cast» de **Um Amor de Mulher**, dirigido recentemente por David Neves. No Rio, apareceu também no palco (**Família Pouco Família**), e televisão (**As Intocáveis**). Outros filmes de sua carreira: **Os Marginais**, episódio de Carlos Prates Correia, e **O Homem e sua Jaula**, de Fernando Coni Campos e Paulo Gil Soares.



**ISABELLA** Baiana. Após estágio na França, estreou como modelo de modas na Maison Dior. Foi protagonista de dois espetáculos musicais, **Chão de Estrelas e Viver é Muito Perigoso**. Em televisão, apareceu ao lado de Carlos Alberto, Glória Menezes, Glaucete Rocha e Mário Lago em telenovelas. Estreou no cinema na chanchada **Os Apavorados**, de Victor Lima. Foi uma das intérpretes de **Cinco Vêzes Favela**, dirigido por Marcos Farias, Miguel Borges, Joaquim Pedro, Carlos Diegues e Leon Hirszman. Em **O Desafio**, de Paulo César Saraceni, fez o papel de Ada, uma mulher insatisfeita com seu mundo social. Depois, estrelou **Proezas de Satanás na Vila-do-Leva-e-Trás**, de Paulo Gil Soares, **Capitu**, versão cinematográfica de «Dom Casmurro» realizada por Paulo César Saraceni, **A Cama ao Alcance de Todos**, episódio de Alberto Salvá, e **O Bravo Guerreiro**, de Gustavo Dahl.



**LARA, Odete** Paulista, é considerada uma das maiores atrizes do cinema brasileiro. Começou sua carreira como garôta-propaganda, em SP. Faz teatro, TV, «show» e cinema. Alguns dos seus desempenhos receberam aclamação internacional. Estreou em **O Gato de Madame**, de Agostinho Martins Pereira. A variedade de suas «performances» a notabilizou como excelente atriz característica. Foi heroína, mulher má e libertina. Tudo com «performances» impecáveis. Entre seus filmes se destacam: **Absolutamente Certo**, de Anselmo Duarte; **Bonitinha, Mas Ordinária**, de J. P. de Carvalho; **Na Garganta do Diabo e Noite Vazia**, de Walter Hugo Khouri; **Mulheres e Milhões**, de Jorge Iliel; **Boca de Ouro**, de Nelson Pereira dos Santos; **Moral em Concordata**, de Fernando de Barros; **Copacabana Me Engana**, de Antônio Carlos Fontoura; **Os Herdeiros**, de Carlos Diegues; **Dragão da Maldade Con-**

**tra o Santo Guerreiro**, de Gláuber Rocha, e **Mar Corrente**, de Luiz Paulino dos Santos. Participou de um filme argentino (**Sabado a la Noche**, de Fernando Ayala) e de uma co-produção com os Estados Unidos (**Pão de Açúcar**, de Paul Sylbert).



**LEMMERTZ, Lillian** Gaúcha. Estreou em teatro, em Pôrto Alegre, sob a direção de Antônio Abujamra na peça de Tennessee Williams, **A Margem da Vida**. Depois, ainda no Sul, interpretou dois textos clássicos, **O Pai**, de Strindberg e **A Bilha Quebrada**, de Kleist. A convite de Caclida Becker e Walmor Chagas, veio para São Paulo onde se apresentou nas peças: **Onde Canta o Sabiá**, de Gastão Tojeiro, em versão de Hermilo Borba Filho, **A Noite do Iguana**, de Tennessee Williams, **Quem Tem medo de Virgínia Woolf?**, de Edward Albee, **Tôda Donzela Tem Um Pai Que É Uma Fera**, de Gláucio Gill. Recentemente estrelou, ao lado de Juca de Oliveira, **Dois Na Gangorra**, de William Gibson, e foi Ofélia em **Hamlet**, de Shakespeare, sob as ordens de Flávio Rangel. Ao lado de Walmor Chagas apareceu numa novela da TV-Tupi de São Paulo, **Nenhum Homem É Deus**. No cinema, foi duas vezes dirigida por Walter Hugo Khouri, **As Amoras** e **As Cariocas**, é a principal intérprete de um filme inédito de Júlio Bressane, **O Barão Olavo**.



**MYRNA, Jacqueline** Natural da Romênia, educou-se na França e se radicou no Brasil em 1959. Participou do elenco cômico da TV-Excelsior, do Rio, tendo depois se transferido para a TV-Record, de São Paulo. No teatro, fez **Pindura Sala**, de Graça Mello, **Uma Cama Para Três**, de Claude Magnier, e **Uma Certa Cabana**, de André Roussin. No cinema, apareceu pela primeira vez em **Amor na Selva**, de Konstantin Tkaczenco e Ruy Santos. Em seguida, rodou **Superbeldades**, que ficou muito tempo interditado pela censura. **Riacho de Sangue**, de Fernando de Barros, assinalou sua estréia no gênero dramático. Seu «descobridor» verdadeiro foi, sem dúvida, Walter Hugo Khouri que a utilizou em **As Cariocas** e **As Amoras** e a considerou uma atriz de «forte temperamento dramático». Além dos filmes citados, apareceu em **A Desforra**, de Gino Palmisano, e **Os Cangaceiros de Lampião**, de Carlos Coimbra.

**MONTENEGRO, Fernanda** Carioca. Trabalhou durante algum tempo na Rádio Ministério da Educação e Cultura, até que foi convidada por Maria Jacinta para fazer parte do elenco de **Três Mil Metros**





de Altitude». A partir de então, dedicou-se integralmente ao teatro, onde se firmou como a maior atriz. A partir de 1956, ao lado de Sérgio Brito, Italo Rossi, Flávio Rangel e Nathalia Timberg, participou do Grande Teatro, na TV Tupi. É grande seu repertório no vídeo e no teatro, onde se contam desempenhos admiráveis. Atualmente, divide seu tempo entre o teatro, a telenovela e o cinema. Sua «performance» em *A Falecida*, de Leon Hirszman, foi considerada uma das maiores do cinema brasileiro. *Pecado Mortal*, de Miguel Faria, assinala seu retorno à tela, de onde esteve afastada por algum tempo. Chegou a ser escolhida por Gláuber Rocha para estrelar *Terra em Transe*, mas não pôde aceitar o convite. Atualmente roda seu terceiro longa-metragem: *A Vida de Cristo*, de William Cobbet.



**MORAES, Susana** Carioca, filha do poeta e compositor Vinicius de Moraes. Estreou em teatro, substituindo Nara Leão no célebre «Opinião», «show» litero-musical de grande sucesso no Rio em 1965. Atriz de televisão, onde apareceu em «A Rosa Rebelde», «Verão Vermelho», e «Assim na Terra como no Céu», atualmente exibida pela TV-Globo. Em cinema, faz o papel de Rosa Meia-Noite no longa-metragem de estréia de seu marido Miguel Faria, *Pecado Diabo*. Em *Pecado Mortal*, também de Miguel Faria, aparece ao lado de Fernanda Montenegro, Anecy Rocha e Rejane Medeiros, vivendo uma parálisa neurótica. Antes de fazer cinema em nosso país, Susana apareceu num filme norte-americano, de Jerome Hill, *Open the Door and See All the People*. Seu último filme: *Primeiro de Araque Cremilda*, de Júlio Bressane.



**PENNA, Rosa Maria** Espósa de Gláuber Rocha, descendente de tradicional família mineira, figura expressiva da nova geração de atrizes. Fêz curso de teatro com Martin Gonçalves. Sua primeira aparição no cinema se deu num curta-metragem, *O Quadro*, de Antônio Calmon. Começou sua carreira sob as ordens de David

Neves, em *Memória de Helena*. Em seguida, foi a Santa Bárbara de *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro*, dirigida por seu marido. Figurou numa ponta em *Capitu*, de Paulo César Saraceni. Na Europa, participou do «cast» de *Cabezas Cortadas*, de Gláuber Rocha.



**PERA, Marília** Carioca, filha de artistas, ex-bailarina e corista de teatro de revista, teve sua primeira real oportunidade quando foi convidada para estrelar o musical «Como Vencer Na Vida Sem Fazer Força». Mas foi em «Onde Canta o Sabiá», de Gastão Tojeiro, que se revelou como atriz de enormes potencialidades. Além dessas peças, apareceu em «A Ópera dos Três Vinténs», de Brecht-Weill, «A Úlcera de Ouro», de Hélio Bloch, «Minha Bela Dama», de Alan Jay Lerner, «A Megera Domada» de Shakespeare, «Música, Sempre Música», versão brasileira de «The Sound of Music», «Fala Baixo Senão Eu Grito», de Leilá Assunção e «A Vida Escrachada» de Joana Martini e Baby Stompato», de Bráulio Pedroso. Em televisão, se destacou como a Manuela de «Beto Rockfeller». Em cinema, sua grande oportunidade se deu com o filme de Eduardo Coutinho, *O Homem que Comprou O Mundo*. Apareceu também em *E Simonal*, de Domingos de Oliveira.



**PRIETO, Adriana** Argentina de nascimento (pai chileno e mãe brasileira), veio para o Brasil com a idade de quatro anos. Antes de entrar para o cinema, teve curta experiência teatral trabalhando em «Os Espectros», de Henryk Ibsen, «Marido Magro, Mulher Chata», de Aurimar Rocha. Estreou em *El Justiciero*, de Néelson Pereira dos Santos, no papel de uma falsa virgem. Jece Valadão explorou suas possibilidades eróticas em *As Sete Faces de Um Cafajeste* e *A Lei do Cão*. Demonstrou muita sensibilidade em papéis elaborados especialmente para ela por David Neves em *Memória de Helena* e *Lúcia McCartney*. *A Penúltima Donzela*, comédia romântica de Fernando Amaral, assinala sua volta às personagens moderninhas e rebeldes. *O Palácio dos Anjos*, de Walter Hugo Khouri, foi um dos seus últimos trabalhos. Outros desempenhos expressivos: *As Duas Faces da Moeda*, de Domingos de Oliveira e *Os Paqueras*, de Reginaldo Faria.

**RIBEIRO, Isabel** Iniciou sua vida artística no teatro, aparecendo em «A Moratórias», de Jorge Andrade, «O Senhor Puntilla e Seu Criado Matti», de Brecht, e «As Felicitas de Salém», de Arthur Miller. No cinema, além de «performances» características para *Como Vai, Vai Bem?*,



filme em episódios produzido pelo Grupo Câmara, *Tempo de Violência*, de Hugo Kusnet, e *Tôdas as Mulheres do Mundo*, de Domingos de Oliveira, teve chance de ser «estréla» em *Os Herdeiros*, de Carlos Diegues, e *Azyllo Muito Louco*, de Néelson Pereira dos Santos. Recentemente, foi Antígona na peça do mesmo nome. Estuda arte dramática na Europa. Outro filme: *Lance Maior*, de Silvio Back.



**ROCHA, Anecy** Baiana de nascimento. Começou suas experiências dramáticas trabalhando sob as ordens de Martin Gonçalves na Escola de Teatro da Universidade da Bahia. Irmã de Gláuber Rocha e mulher de Walter Lima Júnior, Anecy acabou estreando num filme do marido: *Menino de Engenho*, baseado na novela homônima de José Lins do Rêgo. Foi a principal intérprete feminina de *A Grande Cidade*, de Carlos Diegues, papel que lhe valeu o prêmio de melhor atriz do ano do INC. Atriz sensível, foi várias vezes requisitada pelos diretores «feministas» do cinema brasileiro: Walter Hugo Khouri (*As Amorasas*), Paulo César Saraceni (*Capitu*), Miguel Faria (*Pecado Mortal*). Apareceu também em *Brasil Ano 2000*, de Walter Lima Júnior.



**ROCHA, Glauce** Mato-grossense (nasceu na cidade de Campo Grande), quase médica, formada pelo Conservatório Nacional de Teatro, para onde entrou em 1951. Estreou no cinema em 1952 com *Uma Aventura no Rio*, de Albert Gout e Moacyr Fenelon. Em seguida trabalhou em *Rua sem Sol*, de Alex Viany, *Rio, 40 Graus*, de Néelson Pereira dos Santos, *O Noivo da Girafa*, de Victor Lima, *Traficantes do Crime*, de Mário Latini, *Um Caso de*

**Policia**, de Carla Civelli, **Mulheres e Mi-lhões**, de Jorge Ilieli, **Os Cafajestes**, de Ruy Guerra, **Pedreira de São Diogo**, de Leon Hirszman, **Homenaje a la Hora de la Siesta**, de Leopoldo Torre-Nilson, **Sol Sobre a Lama**, de Alex Viany, **O Beijo**, de Flávio Tambellini, **Engracadinha depois dos 30**, de J. B. Tanko (só a voz), **A Derrota**, de Mário Fiorani, **Terra em Transe**, de Gláuber Rocha, **Na Mira do Assassino**, de Mário Latini, **Jardim de Guerra**, de Neville d'Almeida, **A Volta**, de Adolpho Chadler, **Tempo de Violência**, de Hugo Kusnet, **Navalha na Carne**, de Braz Chediak e **Roberto Carlos e o Diamante Cór de Rosa**, de Roberto Farias (só a voz). Também é muito conhecida por suas aparições na televisão e no teatro.



**RODRIGUES, Karin** Paulista. Começou sua vida artística fazendo televisão e teatro, em São Paulo. Foi uma das intérpretes da montagem de «A Grande Chantagem» pelo Teatro Oficina. Para a TV, fez aparições nas novelas «A Rainha Louca» e «O Homem Proibido». Adolpho Chadler lhe deu a oportunidade de ser estrêla em **Os Carrascos Estão Entre Nós**. Participou ainda do elenco de **A Viagem ao Fim do Mundo**, de Fernando Coni Campos.



**RODRIGUES, Márcia** Carioca. Estreou no cinema em **O Quarto Movimento**, de Joel Macedo, curta-metragem premiado no Festival de Cinema Amador JB-Mesbla de 1966. Como profissional, seu primeiro papel foi em **El Justicero**, de Néilson Pereira dos Santos. A fama veio, porém, quando foi selecionada para ser a **Garôta de Ipanema**, no filme homônimo de Leon Hirszman, inspirado na música de Tom Jobim & Vinícius de Moraes. Sua última aparição em filme deu-se em **Matou a Família e Foi ao Cinema**, de Júlio Bressane. Também fez teatro, sob as ordens de Paulo Afonso Grisoli, na peça francesa «Du Vent dans les Branches du Sassafras», de René Obaldia. Figurou entre as intérpretes de **Tôdas as Mulheres do Mundo**, de Domingos de Oliveira, **O Homem Que Comprou o Mundo**, de Eduardo Coutinho e **A Vida Provisória**, de Maurício Gomes Leite.

**SANTOS, Leila** Carioca. Ex-estudante de jornalismo da PUC, do Rio. Começou sua carreira artística no teatro, estrelando a peça «Esse Banheiro é Pequeno Demais para Nós Dois», de Ziraldo. Na televisão, atuou em «Um Gôsto Amargo de Festa», como a principal personagem feminina. Durante algum tempo, foi apresentadora de «shows» na TV-Tupi. **Enfim Sós, Com o Outro**, de Wilson Silva, se constitui sua primeira incursão no cinema. Sob as ordens



de Pedro Camargo, teve o papel central de **Estranho Triângulo**.



**SFAT, Dina** Paulista. Nome verdadeiro, Dina Kutner. Escolheu Sfat como sobrenome artístico por ser a cidade onde nasceu sua mãe e pela eufonia. Primeira experiência cinematográfica, depois de se ter consagrado como uma das maiores atrizes do teatro paulista: **Três Histórias de Amor**, de Alberto D'Aversa, vivendo a figura estranha de uma camponesa leprosa e sensual. A ponta que fez em **Corpo Ardente**, de Walter Hugo Khouri, se constituiu em desempenho marcante. Mas a primeira grande oportunidade que obteve foi, sob as ordens de Maurício Gomes Leite, no papel de Paola em **A Vida Provisória**. Encarnou com invulgar sensualismo e desenvoltura a figura da guerreira/guerrilheira Cy, em **Macunaima**, de Joaquim Pedro de Andrade. Seu último filme é **Os Deuses e os Mortos**, de Ruy Guerra, ao lado de seu marido Paulo José. Ultimamente se dedica à TV.



**SORRAH, Renata** Carioca. Ex-Estudante de Sociologia da PUC, do Rio. Começou sua carreira artística na peça de José Wilker «Trágico Acidente Destronou Teresa», sob a direção de Kleber Santos. Fez ainda rápidas aparições em «O Capeta de Caruaru» e «Coronel de Macambira». No cinema, trabalhou em **Dom Quixote**, curta-metragem de Haroldo Maranhão Barbosa, **A Vida Provisória**, de Maurício Gomes Leite, e **Matou a Família e Foi ao Cinema**, de Júlio Bressane. Estrêla em potencial, Renata se dedica atualmente à televisão «Assim na Terra como no Céu», e ao teatro «Os Convalescentes».



**STEFANIA, Irene** Paulista. Ex-estudante de Filosofia da PUC. Estreou no cinema vivendo a inquietada Helô, personagem central do filme de Carlos Alberto de Souza Barros, **O Mundo Alegre de Helô**. Em **Garôta de Ipanema**, de Leon Hirszman, fazia o papel da melhor amiga de Márcia Rodrigues. Mas foi em **Fome de Amor**, de Néilson Pereira dos Santos, que revelou suas reais qualidades de atriz, passando, desde então, a ser solicitada intensamente por produtores e diretores. Sua composição de Neusa, uma modesta comerciante, em **Lance Maior**, do paranaense Sívlio Back, a consagrou como uma das mais talentosas estrêlas da nova geração. Participou de **Os Paqueras**, de Reginaldo Faria, **As Armas**, de Artoífo Araújo e **A Cama ao Alcance de Todos**, episódio de Alberto Salvá. Em **Cléo e Daniel**, terminado recentemente por Roberto Freire, teve outro grande desempenho, segundo informa a crítica paulista.



**URBAN, Marisa** Paulista. Modelo profissional, integrante do júri do «Programa Flávio Cavalcanti». Cantora bissexta (especialista em baladas elizabetanas e cantos folclóricos russos). Estreou no cinema numa ponta em **Garôta de Ipanema**, de Leon Hirszman. Depois, apareceu em **As Sete Faces de Um Cafajeste**, de Jece Valadão, **O Engano**, de Mário Fiorani, **Desesperato**, filme inédito de Sérgio Bernardes Filho, **Adultério à Brasileira**, de Pedro Carlos Royai, **Parafernália**, o **Dia da Caca**, de Francis Palmeira, e **Até que o Casamento nos Separe**, de Flávio Tambellini.



**VOGEL, Bibi** Paulista. Modelo profissional durante algum tempo. Divide atualmente suas atividades entre a televisão, o cinema e o teatro. Já apareceu com destaque nos filmes: **Meu Nome é Tonho**, de Osvaldo Candelas, **Panca de Valente**, de Luis Sérgio Person, e **Elas**, de José Roberto Noronha. Figurou rapidamente em dois espetáculos ligados ao mundo da publicidade: **Anuska, Manequim e Mulher**, de Francisco Ramalho, e **Behel, Garôta Propaganda**, de Maurice Capovilla. Ficou famosa na telenovela pelo seu desempenho de Natália em «Nino, o Italianinho».